

ANCESTRALIDADE FEMININA EM IMAGENS DE FAMÍLIA

Deborha Rachel Coelho Costa ^{*}
Vânia de Vasconcelos Gico ^{**}

RESUMO

Realiza-se uma leitura da ancestralidade feminina nas imagens sociais, a partir de uma visão sistêmica do conhecimento e de uma estratégia de pesquisa da revisão bibliográfica e da análise de imagens que podem trazer em si o papel feminino impresso em seus traços. Discute-se como a sociedade tem vivenciado o feminino de formas diversas e as implicações dessas diferentes perspectivas em seu momento social, histórico e cultural. A ancestralidade feminina tem contribuído para o desenvolvimento da sociedade, desde a criação dos filhos até a crescente inserção da mulher no mercado de trabalho nos dias atuais. Contudo podemos falar que o feminino é valorizado em nossa atualidade? O momento de mudanças significativas de paradigmas no qual estamos inseridos é suficiente para a resignificação do feminino, sendo ainda um contexto ocidental, predominantemente patriarcal, cristão e machismo? O objetivo dessa pesquisa é realizar uma leitura social dessas imagens, para verificar como estas podem revelar a ancestralidade do papel feminino em imagens de família. As imagens mostradas em fotos, gravuras ou grandes obras de arte, podem estar carregadas de significados, mostrando a realidade social, enquanto espelho que reflete e distorce as mudanças que sistemicamente interferem no todo. Os papéis femininos parecem passar por mudanças e acréscimos e a sobrecarga no desempenho desses papéis pode trazer consigo a exaustão de sintomas físicos, psíquicos e mesmo sociais. Podemos perceber com esse movimento como as configurações familiares perpassam por modificações, resignificando valores e papéis, mesmo com as resistências encontradas a paradigmas antigos, estes ainda são vivenciados em algumas culturas; mais fortemente em outras, evidenciando que a mudança paradigmática traz consigo germes de avanços, mas também resíduos dos antigos costumes.

Palavras-chave: Configurações familiares. Ancestralidade feminina. Imagem social feminina.

* Graduação em Psicologia, pela Universidade de Fortaleza. Pós-Graduada do Curso de Especialização em Intervenção Sistêmica Familiar, pelo Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNI-RN. Cientista social. Doutora em Ciências Sociais (Antropologia) - PUC São Paulo. PhD pela Universidade Nova de Lisboa. Pesquisadora do UNI-RN - Curso de Especialização em Intervenção Sistêmica Familiar. Professora Orientadora

** Cientista social. Doutora em Ciências Sociais (Antropologia) - PUC São Paulo. PhD pela Universidade Nova de Lisboa. Pesquisadora do UNI-RN - Curso de Especialização em Intervenção Sistêmica Familiar. Professora Orientadora.

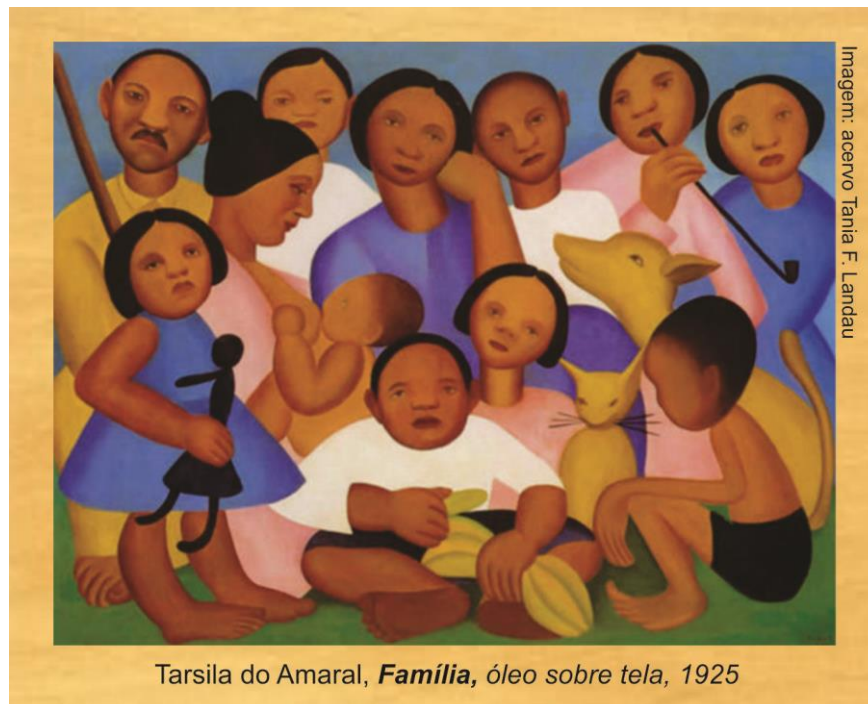
1 INTRODUÇÃO

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.
(BEAUVOIR, 1967)

Quando nos propomos a pensar no feminino inevitavelmente uma gama de aspectos psicossociais deve ser abordada e quando falamos de nossa ancestralidade estamos falando de nossas origens. Desde os cuidados com as crianças, estrutura familiar, responsabilidades e lugares que ocupamos, até a realidade de mercado de trabalho. Em nossa realidade cotidiana e dinâmica das nossas origens têm sido cada vez mais negligenciadas ou mesmo distorcidas de acordo com o que convém para, além disso, procuramos aqui o que contém, o que pertence ao sistema social.

O que contém nossa história? O que ela nos diz de nossos caminhos até então e o que nos revela de possibilidades? Quando observamos as imagens deixadas pelos caminhos que a humanidade tem tomado, percebemos não apenas como as relações têm se constituído, ou como as famílias têm se estruturado, mas também como tendem a se renovar. Buscamos abordar nesse estudo bibliográfico fontes que tragam o lugar que o feminino tem ocupado em algumas eras da civilização, e quem, sabe começar a questionar e desconstruir mitos e paradigmas do que entendemos ser o papel feminino.

Figura 1 - a Família. Tarsila do Amaral



Fonte - <http://www.tempodecreche.com.br/>

A obra “Família”, de Tarsila do Amaral, nos mostra uma configuração familiar numerosa, provavelmente rural e sendo ainda hoje presente, porém mais comum em comunidades interioranas. A família passa por mudanças estruturais de tempos em tempos, tanto a respeito de seus membros quanto a respeito dos papéis de cada membro, contudo há muito tempo não víamos a família de forma tão plural quanto nos dias atuais. É perceptível que durante as mudanças de paradigmas, mesmo em um contexto sociocultural completamente outro, muitas sentenças do antigo paradigma ainda vigorem. Ainda assim, não serão vivenciados da mesma forma. Cada molde social trás consigo uma série de conceitos e pré-conceitos, que se adéquam ao que este momento precisa para perceber, interiorizar, questionar e então se modificar mais uma vez. Nesse contexto de constantes mudanças algo se mantém sempre presente: o feminino.

Por sua vez, a maternidade, bem como o viver feminino, trás consigo amor e fel, vida e morte, luto e esperança, não apenas aquilo que tanto se idealiza, mas um conjunto de sentimentos e valores que falam da humanidade, por vezes mesmo sem palavras. De acordo com Gutman (2013), a maternidade não se limita ao embalo do bebê sorridente em nossos braços; a realidade que para muitos ainda é

algo invisível é o misto de emoções aparentemente paradoxais, tais como o sentimento de alegria e angústia, bem como a sensação de perda de identidade, a exaustão e excitação.

O que temos até então atribuído, em nossa sociedade patriarcal, como papel do feminino, nada mais é do que uma construção social que coube em uma realidade em que homens saíam para buscar o sustento e mulheres ficavam em casa, cuidando dos filhos, da casa e de seu marido, quando este chegasse a casa.

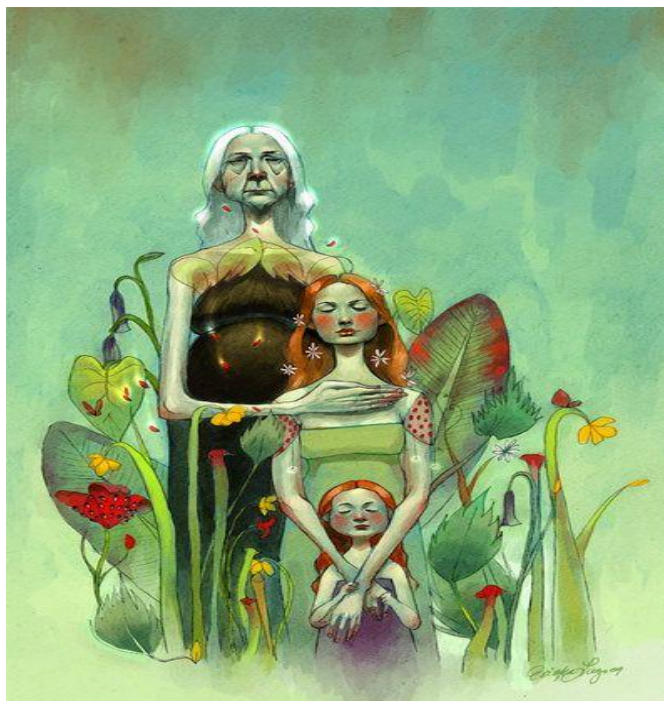
Segundo Angeli (2003), essa condição de papéis foi reforçada e embasada no período entre 1890 e 1930, com um discurso político e científico da medicina da época, sendo esta muitas vezes perpassada pelo dito “saber popular”, deixando a cargo da mulher os cuidados com a saúde e bem-estar familiar, cabendo a ela o domínio privado, doméstico, enquanto aos homens cabia a busca do desenvolvimento social, por meio de sua agressividade e inteligência. Mesmo aí se validou pela ciência da época, o domínio sobre o corpo feminino, colocando-o em um lugar de frigidez e repudiando o aborto, sendo também atribuídas às atividades intelectuais femininas, gestações de filhos doentes e mal formados.

O matrimônio, assim como política e ciência era também uma forma de controle sobre a mulher, seu corpo e suas atividades. Essa pressão veio a diminuir depois das lutas do movimento feminista, em meados da década de 1970. Nosso contexto sócio-histórico é de mulheres e homens que trabalham, contudo, ainda é comum atribuir-se à mulher os cuidados às crianças, a casa, a alimentação e ao marido, acrescentando-lhe também o papel agora compartilhado de mantenedora financeira da família.

A maneira como a sociedade compreende e trata o feminino, de acordo com Angeli (2003), é o exaltado ou oprimido, e isto tem sido determinante na constituição da humanidade e mesmo da manutenção de nosso *habitat*, embora trazendo um olhar sistêmico, ampliamos nossa perspectiva de homem e de ser social. A agressividade valorizada pelo sistema patriarcal tem banido não apenas a fluidez do comportamento feminino, mas também tem corroborado com uma estrutura social machista doentia, que mata, estupra, denigre e tira qualquer possibilidade de empoderamento daquelas que geram vida humana neste mundo. Então nos cabe questionar como chegamos deste modo ao nosso momento socio-histórico, sendo agora este nosso ponto de partida para novas mudanças.

2 ANCESTRALIDADE FEMININA

Figura 2 - Sagrado-feminino-mulher-e-sua família



Fonte - <http://misteriosdosdeuses.blogspot.com.br/2015/08/>

Na dita pré-história, a família antes de ser compreendida como um conjunto de pessoas de laços consanguíneos, recebia interferência social da comunidade, devida a participação de cada membro nas atividades corriqueiras. Desta forma, não se constituía somente de membros de laços consanguíneos, mas da própria comunidade; assim todos eram responsáveis pelo grupo. Posteriormente vão se definindo papéis (REVISTA SUPER INTERESSANTE, 2015), e já é possível afirmar, que se pode começar a desconstruir a naturalização de papéis femininos e masculinos.

Ainda nesta fase, constatou-se a partir de estudos desenvolvidos na *University College London*, que fortes indícios apontam para a possibilidade de que entre *hominídeos*, posteriormente homens, existia a igualdade entre os gêneros e que isso, teria sido fundamental para a sobrevivência e evolução da espécie, o que pode ser depreendido da figura 3: I Jornadas Ibéricas de Gastronomia Pré-Histórica, promovidas pelo Museu de Arte Pré-Histórica; a caça, a

preparação do alimento e o cuidado com os filhos eram atividades compartilhadas por ambos os sexos.

Figura 3 - I-jornadas-ibericas-de-gastronomia-pre-historica-de-macao/



Fonte - <http://misteriosdosdeuses.blogspot.com.br/2015/08/>

A partir da sedentarização das sociedades, ou seja, com o surgimento da agricultura e do acúmulo de recursos, a desigualdade entre os gêneros iria se definindo em caminhos opostos, percebendo-se que, anteriormente, quando homens e mulheres interferem nas decisões do grupo de forma igualitária, havia uma expansão das possibilidades, incluindo a adesão de novos membros no grupo, não apenas membros de mesma consanguinidade, diferentemente de quando homens mantêm-se soberanos.

Segundo Paglia (1992), com a predominância do gênero masculino, o controle do corpo da mulher pelo homem, tornou-se evidente, chegando mesmo a ser exigido o confinamento feminino em um harém trancado, a fim de que o homem pudesse ter certeza que o filho de sua mulher seria seu filho também. O corpo feminino seria um insuportável mistério onde se aplicam todos os aspectos das relações entre homens e mulheres. *Que aparência terá aí dentro? Ela tem orgasmo? É mesmo meu filho? Quem foi de fato meu pai? O mistério envolve a sexualidade da mulher.*

A partir destas indagações, depreende-se que a imagem do corpo misterioso da mãe, fazia uma conexão com o que havia de mais entranhado na existência humana. De acordo Santos (2008), o arquétipo feminino perpassa vários mitos e religiões, desde o antigo culto à Deusa, fortemente representada pela estatueta mundialmente conhecida por *Vênus de Willendorf*, que trás consigo toda a simbologia de fertilidade, até cultos cristãos, que tem como representante do sagrado feminino a Virgem Maria, fazendo assim um tributo, mesmo que inconsciente, à súbita geração de um novo ser originado pela figura materna. Perpassando os séculos, o feminino tem lugar não apenas em nossas lembranças de fotos de família, mas também em vários cultos milenares, muitas vezes retratados em obras de arte. Ainda que se tente estigmatizar a mulher, invariavelmente chegaremos a um ponto em comum. Sem ela o ser humano não nasceria. Tão obvio, contudo tão pouco valorizado em nosso cotidiano.



Figura 4 - Vênus de Willendorf

Fonte - <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estatuetas-de-V%C3%AAnus>

A imagem da estatueta Vênus de Willendorf, nos remete não apenas aos padrões femininos, mas também nos faz refletir quanto ao lugar que o feminino ocupava, quando a percebemos como uma divindade cultuada, e mesmo quanto aos valores dados a esta. O respeito ao corpo feminino como algo sagrado, faz completamente outra do que temos em vigência a respeito da experiência de vida,

de mulheres e homens, no meio social. Percebemos que antes, os ciclos de vida e da natureza eram observados, cultuados e respeitados. Nos dias atuais o que assistimos é o atropelo de ciclos, vidas e valores.

A partir das questões míticas, Angeli (2004), aponta como as crenças têm também interferido na imagem feminina e conseqüentemente na sua significação quanto ao ser mulher. Por exemplo, na religião judaico-cristã, Eva é tida como a introdutora do mal, do pecado original, tanto quanto Lilith, considerada como o próprio mal figurado na serpente. Durante o século XVIII foram impostos tantos pudores às mulheres, que tanto o sexo, quanto o prazer feminino, passou a ser visto como algo sujo e indigno; passados quase três séculos, essas crenças culturais dominantes, ainda reproduzem-se, muitas vezes, nos discursos das próprias mulheres. Percebemos assim, que a maior opressão social é quando o opressor consegue alienar o oprimido a ponto de naturalizar questões socioculturais puramente ideológicas, concebidas como verdadeiras.

Figura 5 - O pecado original e a expulsão do paraíso”, de Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475 – 1564)



Fonte - <http://www.mdzol.com/nota/231974-procread-y-multiplicaos-el-sexo-en-la-biblia/>

Desse modo, no decorrer dos séculos a imagem do feminino foi permeada por aspectos passivos, maternos, ternos, mas também a partir de conceitos pré-conceituosos e deturpados, como afirma Laraia (2015), ao se referir como as

imagens arquetípicas das mitologias pré-cristãs e cristãs. Prossegue observando os perfis de Lilith e Eva, trazidas como ex-esposa e esposa de Adão; a primeira feita ao mesmo tempo e da mesma matéria de Adão, sendo ela considerada o primeiro ícone do feminismo que não se rende aos desmandos masculinos, intitulada em momento posterior como a própria serpente que tenta Adão e Eva, causando a expulsão de Adão e Eva do paraíso, como aparece no teto da capela sistina, na obra de Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475 – 1564).

Lilith é ligada à imagem de demônio. A segunda esposa, Eva, como sendo a passiva, submissa e ingênua que leva Adão à perdição; outras figuras femininas que trazem esses conceitos são Maria “mãe de Cristo” e Maria Madalena “a prostituta” protegida pelo próprio Cristo. Mesmo a Maria, mãe de Cristo, não se livrou do peso do patriarcado machista e passou por esses arquétipos quando expôs sua gestação, sendo dita como adúltera e posteriormente como a virgem “mãe de Deus”.

3 O PAPEL DO FEMININO NAS SOCIEDADES

FIGURA 6 - Homem indo para o Trabalho – Botero 1969



Fonte - <http://zephirespagnol-973.eklablog.fr/la-familia-de-botero-pintor-colombiano-a59073217>

Nesse quadro de Botero percebemos a imagem do homem como provedor. O homem que vai ao trabalho, enquanto a mulher fica em casa cuidando dos filhos e das atividades domésticas. Carvalho (2008), questiona as bases que puseram a mulher no lugar daquela que cuida dos filhos, da casa e do marido. Esse lugar teria sido produzido realmente por tendências psicobiológicas ou seria uma arbitrariedade cultural?

Figura 7 - Família camponesa



Fonte - <http://belverede.blogspot.com.br/2014/12/nain-familia-campones-interior-familie-depaysans-dans-un-interieur-negacao-de-sao-pedro-Le-reniement-de-saint-Pierre-antoine-louis-mathieu-le-nain-pinturas-arte-cenas-biblicas-Louvre.html>

Com a fixação do homem à terra, a partir da agricultura, é a demarcação da propriedade privada, desenvolveu-se também o conceito de herança, enquanto repasse do trabalho da família anteriormente. Nesse marco histórico significativo, acentuar-se-ia não apenas a realidade econômica e social, mas também a sexualidade, em especial a feminina, e a delegação de papéis. Os homens ao saírem de casa trariam para suas famílias o resultado do seu trabalho; às mulheres ao permanecerem no recinto do lar, cuidariam das crianças, e dos afazeres domésticos, e estariam assim em um lugar mais “protegido”, mas também reclusas às atividades reprodutivas e domésticas.

Ainda segundo Carvalho (2008), para a garantia de tais “privilégios”, a mulher deveria então unir-se em matrimônio, virgem e manter-se fiel, garantindo ao homem a certeza de que a criança seria de fato seu herdeiro por direito. Assim, a imposição de “sexo fraco”, tem início na privatização de terras, que leva consigo, a privação do corpo feminino, ao recinto do lar. A necessidade de mão de obra abundante, paralelo ao conceito de mulheres reprodutivas, seria também um importante fator para manter as mulheres constantemente grávidas. Quanto maior a quantidade de filhos, maior seria a força de trabalho para colheita. Além disso, havia um alto índice de morte de recém-nascidos e mulheres durante o parto, muitas vezes pelas condições sociais precárias de higiene e condições de qualidade de vida; fator naturalizado e postergado por um longo período da história.

Figura 8 - “Família Reunida”, de Almeida Júnior (1850 – 1899), autor brasileiro



Fonte - <https://peregrinacultural.wordpress.com/tag/jose-ferraz-de-almeida-junior/>

Observando atentamente a imagem acima da obra de Almeida Júnior, constatamos função prioritária do feminino, o cuidado das crianças. Percebemos também o que perdurou por séculos e que atualmente passa por mudanças significativas de paradigmas: o estudo acadêmico, antes, era privilégio dos homens. Os estudos de Carvalho apontam que crescem as proporções de mulheres em ensino superior, contudo sua inserção no mundo acadêmico data há

menos de um século. Mesmo quando as mulheres em tempos medievais dominavam os saberes da medicina popular estas eram estigmatizadas. Tidas como bruxas acabavam por serem queimadas pela heresia de tais “feitiços”.

Fortes (2007), questiona o nosso sistema sócio-simbólico de dominação masculina e nos faz refletir quanto à possibilidade de pensar a diferença fora deste sistema. Em algumas sociedades pré-cristãs, onde o patriarcado não teve tamanha força, o matriarcado mantinha/mantém o equilíbrio socioambiental, respeitando a condição de gerador e mantedor da vida e da fertilidade.

Esse respeito e equilíbrio entre feminino e masculino, vivenciado por meio de um estilo de vida e crença diferentes do que comumente observamos nas sociedades contemporâneas. Em muitas sociedades politeístas existe participação social significativa das mulheres, como afirma Carvalho (2008). Porém, há que considerar, que o ideal seriam sociedades onde fosse possível um equilíbrio entre o feminino e o masculino (Yin/Yang) e não o domínio de um sobre o outro.

Figura 9 - Vida em Família - George Caleb Bingham - pintor norte-americano - 1811 – 1879



Fonte - <http://www.canvaz.com/gallery/17373.htm>

No quadro “Vida em família”, de George Caleb Bingham, é possível constatar mais uma vez as atividades domésticas atribuídas às mulheres. O homem aparece indiferente quanto às crianças, enquanto às mulheres lhes cabe servir a ele e a família, entretanto, a partir do século XVIII, com a revolução

industrial, as mudanças sociais vão se acentuando, especialmente no mundo ocidental, no qual a diferença entre classes se torna notória, o que mudaria também o estilo de vida das famílias.

Na crise econômica da industrialização, precisa-se de mão de obra em abundância; assim homens, mulheres e crianças se submetem a condições insalubres de trabalho, ganhando pelo resultado deste um valor irrisório, mal dando para o próprio sustento. Neste contexto ainda não se tinha o conceito de infância vigente nos dias atuais. Quando os filhos mais novos se punham em pé e já tivessem o mínimo necessário para aprender um ofício, um trabalho lhe era atribuído. Famílias inteiras trabalhavam nas fábricas; contudo a desigualdade se acentua ainda mais entre homens e mulheres, e, que, se mantêm até os dias atuais: mulheres ganhavam menos que os homens, mesmo exercendo as mesmas funções e tendo a mesma carga horária de trabalho. Mas com o passar do tempo e a conscientização dessa desigualdade, as mulheres se organizaram e criaram movimentos de luta por seus direitos usurpados:

Com o advento do movimento feminista e as audaciosas conquistas históricas, as mulheres foram obtendo seu merecido espaço na vida pública e mais direitos sobre seu próprio corpo, colaborando assim para a desconstrução de alguns discursos produzidos e mantidos pela ideologia masculina. Contudo, ainda na contemporaneidade, tem-se muito para conquistar, e é preciso não perder de vista os aspectos e contextos em que a mulher ainda é discriminada, tendo como resultado dessas práticas salários desiguais em comparação aos dos homens, dupla jornada de trabalho (devido à falta de uma cultura para a divisão de tarefas domésticas) e pequena ocupação de cargos. As conquistas foram inúmeras e de incomensurável valor, mas a luta ainda se faz persistir. (ANGELI, 2004).

Após as grandes guerras do século XX, o feminino, mais uma vez, emerge a resignificação social e familiar. Há um crescimento expressivo da presença da mulher no mercado de trabalho, agora não mais como operária, mas como profissionais na área da saúde, da educação, em escritórios, comércios e serviços públicos, trazendo para a contemporaneidade outra realidade, entretanto, embora a oferta de trabalho seja igualmente oferecida, a diferença entre salários de mulheres e homens que exercem as mesmas funções, com mesma carga horária, há predominância de homens em cargos de liderança, no mundo inteiro, evidenciando a discriminação em nosso cotidiano.

Os aspectos femininos outrora socialmente valorizados e reconhecidos como sinônimos de vida e fertilidade, hoje passam por sinônimo de fraqueza. A mulher procura a cada dia superar as expectativas sociais do mercado de trabalho, embora precise também se ocupar das atividades domésticas, criando seus filhos e cuidando dos maridos, duplicando ou triplicando sua jornada de trabalho. Mas está é uma luta invisível, exigindo-se dela, vestir-se de uma “força masculina” para que então seja reconhecida. Assim sendo a ideia de sexo frágil e incapaz, não é mais condizendo com o aspecto feminino atual; podemos mesmo perceber que ela, além de desempenhar bem as suas funções de trabalho, ainda parecer ser a agregadora da família e já vem contando com importantes parcerias dos homens em sua vida, tanto no lar como fora dele, pois a participação dos homens na criação dos filhos vem aumentando paulatinamente (CARVALHO, 2008), visto que, é cada vez mais comum que o casal esteja trabalhando fora de casa e compartilhando suas finanças, tendo espaços de tempo semelhantes para a manutenção da casa e criação dos filhos.

Como vimos abordando, o lugar do feminino no âmbito familiar vem perpassando por diversificados papéis no decorrer dos séculos, sendo o papel da maternidade um ponto em comum mesmo com todas as mudanças sociais características de cada era. Contudo é a partir do século XXI que o papel de cuidado das crianças passa a ser questionado quanto a ser de responsabilidade única da mulher. Antes o que se esperava da mulher era o cuidado com a casa, filhos e marido, como é retratado na obra de arte “Vida em Família”, do pintor norte-americano George Caleb Bingham (Fig. 9, anterior).

É verdade que a mulher acumulou uma série de papéis que a sobrecarregam, mas também é verdade, que, ao mesmo tempo a deixam cada vez mais independentes dos contratos conjugais. Mas, sendo mãe, esposa, “dona de casa”, trabalhadora e tendo uma vida socialmente mais movimentada do que nos tempos de outrora, as pressões sociais ficam cada vez mais pesadas para que se dê conta de tantos papéis. Daí a necessidade de divisão de responsabilidades, o que inclui o cuidado com os filhos, num real envolvimento de ambos quanto à criação e também na divisão de atividades domésticas.

Assim sendo, durante o breve século XX e início deste século XXI, estamos numa transição paradigmática de valores e costumes sociais e culturais; um momento histórico de mudanças significativas. O que se entendia por feminino no

século XX vem mudando bastante e isso é percebido quando as diferentes gerações familiares compartilham seus prazeres e angústias. Se antes o homem passava o dia inteiro no trabalho e a mulher em casa, cuidado dos afazeres domésticos e também das responsabilidades maternas, o que evidenciamos na obra de Botero, “Homem indo para o Trabalho” (Fig.6, anterior); nos dias atuais, existem novas configurações de papéis, de trabalho e familiares, embora ainda caiba a família os valores familiares que fortalecem os indivíduos, não importam quais sejam suas configurações.

4 AS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES MAIS RECENTES

A literatura científica oferece diversas definições sobre o termo família. Em 1982, Minuchin ressaltou que a família é um sistema aberto e em constante transformação devido à troca de informações com os sistemas extrafamiliares. Historicamente, a configuração das famílias vem se modificando através do tempo e exigindo uma constante adaptação. Segundo Carter e McGoldrick (1985/1995), tais mudanças são decorrentes, em grande parte, de transformações sócio-econômicas, da reformulação do papel e das tarefas exercidas pela mulher e da pluralidade atual nos arranjos familiares. Essas transformações motivaram a existência de novos arranjos e configurações familiares (PALUDO, 2008).

Assim o conceito de família tornou-se algo que vive em estado de mudança e parece acompanhar as mudanças socioeconômicas. Percebemos formações familiares da era pré-cristã, e de forma mais primitiva como as formações tribais que mantiveram viva a humanidade por meio de seus vínculos afetivos e funcionais, sendo estas mudanças mais paulatinas, pois parece que o mundo não tinha pressa

Diferentemente destas fases anteriores, em meados do século XX, o movimento *hippie* trouxe consigo uma revolução, principalmente quanto à sexualidade e liberdade de expressão, o divórcio, os métodos contraceptivos, o movimento feminista, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e mesmo na vida acadêmica, o reconhecimento de gêneros diversos e as crises sociais e econômicas, que foram fatores fundamentais para mudanças significativas no que entendíamos por família.

Fig.10 - Família nuclear



Fonte - <<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=542&evento=2>>

As configurações familiares possíveis atualmente são diversificadas e no decorrer dos séculos percebemos que a tendência é que as novas possibilidades continuem surgindo e modificando paradigmas que se tornam ultrapassados. No século XX o termo família aplicava-se à família nuclear - pai, mãe e filhos - e que por vezes incluíam-se os agregados, parte da família extensa - avós, tios, primos, cunhados.

Mas há ainda outras possibilidade de configuração familiar, como a família ampliada. De acordo com Carter (1995), a família ampliada é uma possibilidade para a família nuclear em momentos conturbados e calmos. Esta estrutura familiar consiste no compartilhamento de responsabilidades quanto aos cuidados e educação das crianças da família. Por se tratar, de um grupo maior, a família se torna geograficamente mais limitada quanto a sua mobilidade. Neste modelo familiar as gerações conversam entre si e há um cuidado mútuo. Outro aspecto a ser observado é que se trata de um modelo onde comumente, não está propícia a individualidade e privacidade.

Quando a mulher pôde se beneficiar com a possibilidade do divórcio e ter maior controle quanto a sua sexualidade através dos meios contraceptivos, famílias monoparentais, com apenas um dos pais assumindo as responsabilidades quanto a criação dos filhos, começaram a surgir, ou ainda com um par homoafetivo.

Fig.11 - Família com par homoafetivo



Fonte - <http://www.papodecinema.com.br/entrevistas/>

Na contemporaneidade, com o advento de novas leis de apoio às minorias LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), direitos a estes como o casamento e adoção tem garantido uma pluralidade ainda maior no que se refere às configurações familiares.

Além do mais, quando o ciclo de vida de uma família é quebrado ou cortado, seja por meio de divórcio ou morte, e então há uma nova união com outra família, tal rearranjo é chamado por Carter (1995) de família recasada, sendo também muito comum em nossa contemporaneidade.

Mas, numa perspectiva da psicologia sistêmica os mitos familiares podem ultrapassar várias gerações, o que termina pela convivência de diversificados arranjos familiares numa mesma época, principalmente nos dias atuais, de novas configurações sociais em outros patamares. Pires (2008), por sua vez, afirma que a sociedade é perpassada por mitos, que vão para além de mitologias religiosas ou mesmo de histórias tradicionais que usualmente explicam fenômenos naturais, e que estes podem sustentar papéis sociais, de modo que estes sejam naturalizados e reproduzidos pelas gerações seguintes, bem como, podem descrever ou mesmo explicar questões da natureza fenomenológica psíquica. Isso implica a perpetuação de paradigmas, não só pelas gerações familiares, mas também por uma sociedade inteira, se considerarmos que as famílias fazem parte e ao mesmo tempo constituem os sistemas sociais, alimentando culturas, conceitos e preconceitos, o que caracteriza determinados sistemas sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa pesquisa foi realizar uma leitura social dessas imagens, para verificar como estas podem revelar a ancestralidade do papel feminino em imagens de família. Podemos perceber que o feminino passa por diversificadas facetas sociais e configurações familiares em constante mudança, sendo resignificada a cada nova transição paradigmática. Por sua vez, as mudanças paradigmáticas trazem consigo germes de avanços, mas também resíduos dos antigos costumes, isso foi o que nos mostrou a revisão bibliográfica realizada, abordando de forma sistêmica a temática, verificando aspectos sociais, culturais, históricos e religiosos que foram significativos para o percurso de nossa civilização.

Com esta pesquisa percebemos que a tendência para qual caminhamos é de uma sociedade que permanecerá permeada por paradigmas antigos, porém com novos paradigmas sendo postos como possibilidades de acordo com as mudanças de configurações sociais. A igualdade entre os gêneros permanecerá como pauta, muito provavelmente, por um longo período, mas desejamos que as significações arcaicas, discriminatórias e que não nos interessam mais socialmente, vão desaparecendo, deixem de constar no seio da sociedade, embora não possamos deixar de perceber que os vínculos familiares estão cada vez mais frágeis, as relações cada vez mais superficiais, as responsabilidades sendo transferidas.

Estamos mesmo, em um contexto histórico que propicia mudanças significativas quanto a relação entre os sexos, tendo como principais fatores: *a crise da família nuclear, a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação da sexualidade da reprodução e a política de visibilidade da homossexualidade*, como afirma Fortes (2007).

Quando falamos em direito de igualdade entre gêneros, estamos falando também na divisão justa de responsabilidades familiares. Percebemos uma tendência à flexibilização de papéis até então pré-estabelecidos, para que as relações sejam viabilizadas efetivamente, não apenas quanto aos sentimentos que as cercam, mas também em relação ao equilíbrio destas responsabilidades.

Este estudo trouxe um parâmetro geral da nossa realidade atual e pregressa, fazendo-se necessária uma maior fundamentação teórica em conteúdos

específicos, como por exemplo, o movimento feminista, para que possamos ter uma compreensão mais aprofundada das condições femininas.

6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ione. **Igualdade entre os sexos ajudou homem das cavernas a sobreviver[...].2015** Disponível em: [www.url: http://super.abril.com.br/blogs/historia-sem-fim/igualdade-entre-os-sexos-ajudou-homem-das-cavernas-a-sobreviver-diz-pesquisa/](http://super.abril.com.br/blogs/historia-sem-fim/igualdade-entre-os-sexos-ajudou-homem-das-cavernas-a-sobreviver-diz-pesquisa/). Acesso em: 02 dez., 2015.

ANGELI, Daniela. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 243-245, aug. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200017>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. v.2.

CARTER, Betty. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CARVALHO, Ana Maria Almeida, et al. Mulheres e cuidado: bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural? **Paideia**, Ribeirão Preto, v.18, n. 41, p. 431-444, dec. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2008000300002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 set., 2015.

FORTES, Isabel. O feminino como possibilidade de novas formas de sociabilidade. **Ágora**, Rio de Janeiro, RJ, v. 10, n. 1, p. 131-132, june 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982007000100009>. Acesso em: 10 nov. 2015.

GUTMAN, Laura. **Mulheres visíveis, mães invisíveis**. Tradução Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

LARAIA, Roque de Barros. Jardim do Éden revisitado. **Rev. Antropol.**, São Paulo v.40, n.1, p.149-164, 1997. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011997000100005>. Acesso em: 08 nov., 2015.

PAGLIA, Camille. **Personas sexuais: arte e decadência de Nefertite a Emily Dickison**. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. Toda criança tem família: criança em situação de rua também. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 42-52, apr. 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100005>. Acesso em: 04 dec. 2015.

PIRES, Valéria Fabrizi. **Lilith e Eva**: imagens arquetípicas da mulher na atualidade. São Paulo: Summus, 2008.

SANTOS, Irinéia M. Franco dos. Iá Mi Oxorongá: as mães ancestrais e o poder feminino na religião africana. **Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**, n. 2, dez., 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/viewFile/88730/91627>. Acesso em: 04 dez. 20015.